

Janeiro e São Paulo) e o sertão (Mato Grosso, Goiás) que ali no local se abasteciam. Os tropeiros eram praticamente obrigados a passar por Pirenópolis, devido à posição privilegiada da cidade que ficava próxima às poucas estradas existentes de acesso a Goiás na época.

Em 1853, foi elevada a categoria de cidade, cujo nome era Cidade Meia Ponte, mas foi somente em 1890 que esta passou a se chamar Pirenópolis. A mudança de seu nome para Pirenópolis refere-se ao fato desta cidade estar situada aos pés dos Pireneus, cordilheira essa considerada a mais expressiva do Estado de Goiás. A serra dos Pireneus foi assim nomeada por causa dos Pireneus da Europa. Já a substituição do nome de Meia Ponte por Pirenópolis foi feita pelo padre Antônio Justino Machado Taveira em 1873, sendo que o destino não lhe permitiu ver realizada sua iniciativa que se concretizou apenas em 1890. Nessa época a velha e lendária Pirenópolis foi apelidada por algum tempo de "Princesa dos Pireneus".

Em 1893, a "Comissão Cruls" (Comissão Exploradora do Planalto Central, sob a chefia de Luiz Cruls) esteve em Pirenópolis para demarcação dos limites do Distrito Federal, que era cinco vezes maior que a área atual, e também mediu corretamente a altura dos Picos dos Pireneus, com 1385 metros.

Hoje a principal atividade econômica de Pirenópolis é a extração de pedras (quartzito) para piso, a nacionalmente famosa "pedra de Pirenópolis". Pirenópolis é também um município turístico, devido à beleza da cidade, rica em prédios históricos, tradições, paisagem natural, manifestações culturais, destacando-se as festas religiosas (Festa do Divino Espírito Santo e as Cavalhadas). Com tudo isso, o turismo dos tipos: ecológico, histórico, esportivo e de eventos, já representa a terceira atividade econômica de maior importância para a cidade, que possui boa infraestrutura, como hotéis, restaurantes, serviços para atender a demanda turística.

2. PONTOS TURÍSTICOS

2.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário

Construída entre 1728 e 1732, com recursos da própria comunidade, é o mais antigo monumento sacro do Estado de Goiás. De estilo colonial (arquitetura barroca simples), a igreja tem os alicerces de cantaria (pedra) e as paredes feitas de taipa de pilão (barro socado). Apenas as paredes mais altas das torres são feitas de adobe (tijolo cozido ao sol). A igreja foi construída de forma que, a qualquer hora do dia, o sol ilumine a sua fachada. No seu altar encontra-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, vinda de Portugal em 1728.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário foi reformada pela primeira vez na década de 80. A segunda reforma se deu em 1998. Após dois anos, em 05 de setembro de 2002 ocorreu um incêndio que começou na sacristia. Este incêndio, para muitos, foi criminoso, e destruiu grande parte da igreja. Praticamente, restou apenas a fachada e algumas partes das paredes laterais. Este trágico acontecimento causou muita angústia e revolta na comunidade pirenopolina, que perdeu uma parte importante de sua história. Em relato ao jornal Jornal O Pireneus - A voz de Pirenópolis. Ano 3 - no 16. Pirenópolis, 10 a 15 de maio de 2006 p. 4. Matéria sobre a igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Título: "Por fora mais parece uma maquete", Sílvia Conceição de Pina, moradora da cidade dá seu depoimento em decorrência de uma matéria publicada sobre a Igreja Matriz, em edição anterior, com uma foto alertando "Cuidado, as velas incendiaram":

(...) "Outra reforma se deu mais ou menos em 1980 sem nenhum prejuízo para o monumento que continuou ostentando toda sua imponência arquitetônica e sua parte artística ricamente harmoniosa continuou intacta com iluminação e ventilação natural. Até então por uns 200 anos, todas as igrejas e casarios eram iluminados por candeieiros, velas e lamparinas. (Lembro-me que minhas tias diziam que produziam velas para o consumo). E a igreja teve bons tempos com suas instalações elétricas precárias, como ainda vemos em certas casas".

(...) "A última restauração de 1998 que foi feita por uma empresa, foi o caos, onde ocorreu a grande tragédia, a catástrofe apocalíptica. Nós pirenopolinos perdemos nosso maior patrimônio espiritual, e o laudo continua uma incógnita. Sem termos o respeito e o direito de sabermos o que causou o incêndio. Segundo o Jornal Folha de São Paulo, com esta reforma a Igreja virou uma bomba relógio, uma estufa toda coberta com forro asfáltico extremamente inflamável".

"E para nossa surpresa e indignação vem a mesma empresa, a mesma pessoa, o mesmo esquema, para novamente reconstruir a Igreja."

"Não me dei a honra de adentrar no seu interior. Mas por fora, lembra mais uma maquete. Falando nisso "cadê" as pedras seculares do calçamento que rodeava toda a igreja?"

"É com uma dor que vem do âmago que vejo nossa igreja sendo usada cinematograficamente pela mídia para ser reinaugurada (sua reconstrução foi em tempo recorde: em apenas dois anos) até o dia 30 de março passado para favorecer alguns políticos despuddorados que querem imperar usando pela segunda vez sua reinauguração antes das eleições. Onde está a participação do governo federal?"

"E sem escrúpulo, em plena quaresma tempo que todos os católicos se resguardam em reflexões, toda a cidade se mantém em silêncio, vem este mesmo político com todo o seu poderio, vem fazer a maior festança, com repicar de sinos, foguetórios, banda de música, churrasco e bebedeiras, que acontecia normalmente depois do sábado da ressurreição, sábado da aleluia".

(...) "... o que era opulência, esplendor e essência de um povo há quase trezentos anos, virou cinzas".

"O perigo ... não são "as velas que incendiaram" e sim a ganância, os oportunistas, a soberba e despuddor de homens sem brio e da imoralidade dos poderosos impunes. O que incendeia é o poder do vácuo. O poder da causa e do efeito".

Assim como Sílvia Pina, muitos pirenopolinos manifestaram sua insatisfação e desagrado quanto à questão do incêndio da Igreja Nossa Senhora do Rosário, principalmente quanto à destinação da mesma, pois hoje está sendo utilizada apenas na ocasião da festa do Divino Espírito Santo e casamentos pomposos. Na maior parte do tempo a igreja funciona como museu, com exposições compostas por réplicas. Hoje a realização das missas ocorre no salão paroquial.

2.2 Igreja de Nosso Senhor do Bonfim

Construída no período de 1750 a 1754, pelo Sargento-Mor Antônio José de Campos, é a segunda igreja construída em Pirenópolis, sendo edificada no ponto mais alto da cidade. A imagem de Nosso Senhor do Bonfim (em tamanho natural) foi trazida de Salvador, Estado da Bahia, em 1755, por 260 escravos a pé.

2.3 Igreja Nossa Senhora do Carmo (Museu de Arte Sacra).

Construída como capela particular em 1750, pelo rico minerador Luciano Nunes Teixeira, com a colaboração de seu genro Sargento-Mor Antônio Rodrigues Frota. A igreja está localizada à margem direita do Rio das Almas. É a terceira a ser construída na cidade, em estilo colonial.

2.4 Teatro Sebastião Pompeu de Pina.

Foi construído em 1899 por Sebastião Pompeu de Pina. Seu estilo é considerado neo-clássico.

2.5 Cine Teatro Pireneus

Foi construído em 1919 pelo Padre Santiago Uchôa (Espanhol) em estilo Art-Déco.

2.6 Casa de Câmara e Cadeia

Foi construída pelo Intendente Cristóvão José de Oliveira em 1919, em estilo colonial. Atualmente o local é destinado a realização de eventos culturais.

2.7 Museu das Cavalhadas

O museu das Cavalhadas é uma iniciativa particular de Maria Eunice Pereira e Pina, para preservação, pesquisa e divulgação da imagem de uma das festas mais tradicionais de Pirenópolis: "A Festa do Divino Espírito Santo". O museu tem um rico acervo em artesanato, indumentárias de cavaleiros e cavaleirinhos, documentos, livros, cartazes, folders, fotografias etc. Veja mais informações no item 6.

2.8 Museu da Família Pompeu

Casarão do século XVIII, construído pelo Comendador Joaquim Alves de Oliveira. Em 1830, funcionou como sede do primeiro jornal de Goiás, o "Matutina Meiapontense". Hoje é museu particular, onde está exposta boa parte da história de Pirenópolis.

2.9 Ponte sobre o rio das Almas

Construída no governo de Sebastião Pompeu de Pina, em 1903. Sua base é de pedra. O Rio das Almas ganhou este nome devido à promessa feita que, caso se achasse ouro em abundância neste rio, a primeira missa da



Interior da Matriz actualmente



Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Igreja de Nosso Senhor do Bonfim



Teatro Sebastião Pompeu de Pina



Cine Pireneus



Ponte do Rio das Almas



cidade seria rezada em intenção das almas do purgatório.

2.10 Fazenda Babilônia (Engenho de São Joaquim, 1800)

Antiga propriedade agrícola do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, era um dos maiores engenhos de açúcar do Brasil. O título de Babilônia foi dado em função da grandeza, tanto em área territorial quanto em produção de açúcar, algodão, pinga, fumo e rapadura.

3. FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das várias manifestações da religiosidade Católica popularizada em diversas regiões do ocidente europeu a partir da Idade Média. Essa festividade é celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos.

A Festa foi introduzida pela Rainha de Portugal, Santa Isabel de Aragão e seu esposo, o Rei Dom Diniz, resgatando a espiritualidade dos padres franciscanos do século XIII. Incluía desde seu início a assistência a Santa Missa, Cortejo Processional e Coroação do "Imperador".

Foi durante os séculos XIV e XV e a primeira metade do século seguinte que o culto do Espírito Santo, ligado à festa do império, tomou maior desenvolvimento em Portugal e se espalhou pela África Portuguesa, pela Índia e pelos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, de onde passou ao Brasil, em grande parte por obra dos açorianos.

O auge do culto do Espírito Santo coincidiu, em Portugal, com o período mais intenso da expansão portuguesa no planeta. Esta festa celebrada em nossa comunidade há tantos anos foi trazida ao Brasil no século XVIII pelos portugueses açorianos com algumas pequenas adaptações, devidas às particularidades de cada local. Na essência, isto é, na fé e na caridade, a Festa do Divino Espírito Santo se mantém inalterada.

Em Pirenópolis, a festa foi trazida pelos jesuítas para conseguir atrair negros e índios para seu credo no decorrer dos anos. O primeiro Imperador foi o Coronel Joaquim da Costa Teixeira, em 1819. Com duração de doze dias, a festa tem seu ápice no domingo do Divino Espírito Santo, sendo que há uma mescla de festejos religiosos e profanos durante sua programação, uma vez que é constituída por missas, procissões, novenas, alvorada com banda de couro, a banda de música Phoenix e repiques de sinos, folias na roça e na cidade, levantamento de mastro, roqueiras, queima de fogos, reinados, juizados, mascarados, pastorinhas, apresentação de grupos folclóricos e as tradicionais cavalhadas e cavalhadinhas.

3.1 PRINCIPAIS ATRAÇÕES DA FESTA DO DIVINO

3.1.1 A solenidade do Imperador do Divino Espírito Santo

A escolha do Imperador é feita por sorteio no Domingo de Pentecostes. Todos os Pirenopolinos que se julgam em condições de realizar a festa podem se inscrever. A presença do Imperador, figura central da festa, bem como sua corte, representam o Rei e a Corte Lisboense, com toda sua pompa. A solenidade consta de uma procissão que busca o Imperador, cujo mandato está vencendo, e vai para a igreja onde é realizada uma missa ou uma simples cerimônia. Ali o padre retira a coroa da cabeça do Imperador, cujo mandato venceu, e coloca-a sobre a cabeça do novo Imperador.

3.1.2 Procissão do Divino Espírito Santo

Realizada no momento de levar o Imperador à igreja, possui as seguintes características: as virgens (crianças vestidas de branco) vão à frente do quadro que leva o Imperador, logo após vem a banda de música acompanha pela multidão, sempre em atitude de respeito e fé. Após a missa, já realizado o novo sorteio do Imperador que irá realizar a festa do ano seguinte, o Imperador do ano retorna à sua residência acompanhado do mesmo cortejo. Chegando, distribui "Verônicas" (alfenins) que traz cunhada a pomba do "Divino" e "Páezinhos" do Divino a todas as virgens.

3.1.3 O Hino do Divino Espírito Santo

Composto por Antônio da Costa Nascimento em 1899 (Tonico do Padre) para ser tocado pela banda e ser cantado durante as coroações, é o mais reverenciado de todos os hinos, sendo sempre escutado com grande emoção e respeito.

3.1.4 Roqueira e queima de Fogos

A roqueira é uma salva de tiros de origem portuguesa, imitação do canhão roca, e tem o objetivo de saudar o Imperador e expressar alegria. A queima de fogos realizada no sábado do Divino, à noite, próximo à ponte do Rio das Almas, é um espetáculo de rara beleza.

3.1.5 Missas e novenas

São cantadas em latim pelo coral Nossa Senhora do Rosário (150 anos).

3.1.6 Folia da cidade.

Na cidade é realizada a Folia Urbana, quando os foliões visitam as casas levando as bandeiras e as bênçãos do Divino, com cantorias e catiras.

3.1.7 Folia rural

Quinze dias antes do Domingo do Divino, centenas de cavaleiros comandados por um chefe, o Alferes, saem uniformizados em procissão, pela zona rural fazendo pousos nas fazendas, levando as bandeiras e as bênçãos do Divino Espírito Santo e angariando fundos para os festejos.

3.1.8 Alvorada com a Banda de Música Phoenix

Antes do nascer do sol ou quando surgem os seus primeiros raios, a Banda de Música Phoenix sai tocando pelas ruas da cidade, em um passeio a pé, acompanhada pelo povo. Seu repertório é composto de valsas, polkas, mazurkas, dobrados, marchas e o Hino do Divino.

3.1.9 Banda de Couro

Era a orquestra dos negros para louvar Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito. É apresentada desde 1814, e formada por meninos. Após as novenas e pela manhã ela sai pelas ruas acompanhada por populares, tocando "Mariquita Muchacha" e "Vem cá Bitu".

3.1.10 Pastorinhas

Peça teatral, revista toda em bailado. Seu enredo narra o nascimento de Jesus. Veio da região Nordeste do Brasil, trazida por Alonso Telegrafista e levado ao palco em 1922, quando foi Imperador. O maestro pirenopolino Propício de Pina, adaptou e acrescentou à peça as três figuras Fé, Esperança e Caridade, em 1923.

3.1.11 Dança do Congo

Representa a catequese, exaltando o cristianismo e os santos da igreja em meio a elementos da cultura africana na música, na dança e nos adereços. Os personagens do congo são masculinos. Há três figuras principais: o Rei, o Secretário e o Embaixador. Os cantos louvam São Benedito e Nossa Senhora do Rosário

3.1.12 Contra Dança

Introduzida em Pirenópolis no século passado, consiste numa série de bailados, recebendo cada qual um nome: Marcha de Rua, Engenho Novo, Costura, Vilão e outros; executando a dança dos arcos, fitas, lenços etc.

3.1.13 Dança do Tapuí

Vinda de Jaraguá (Goíás), vem sendo apresentada em Pirenópolis desde 1935. Composta de doze pessoas, formando duas alas, sendo seis em cada uma. Sempre homens que se vestem de saia por cima da calça. Sua música é a catira e a marcha.

3.1.14 Tocador de Caixa

Todos os dias, durante o período de ensaio das Cavalhadas, antes de raiar do sol, sai o Tocador de Caixa pelas ruas dando o toque chamando os cavaleiros para os ensaios: "Vão pro campo cavaleiros... Vão pro campo cavaleiros..."

3.1.15 Mordomos



Casa de Câmara e Cadeia



Museu das Cavalhadas



Museu da Família Pompeu



Casa da Rua Direita



Casa da Rua Direita



Casas antigas do centro histórico



São os encarregados de executar várias tarefas. Um é encarregado da bandeira, outro do mastro, outro da fogueira, outro das velas e recebem os respectivos nomes: Mordomo do Mastro, Mordomo da Bandeira etc.

3.1.16 Dramas (teatro)

É costume secular a apresentação de dramas por ocasião da Festa do Divino. Notícias mais detalhadas se tem a partir de 1837, quando foi encenado "Demofonte". Era Imperador o Senhor José Inácio do Nascimento. Inúmeros foram os dramas já apresentados: Amor e Infâmia, Artaxerxes, Dom César de Bazan, Aspásia, Alecrim e Manjerona, Poder do Ouro, Graça de Deus, Morgadinha, Estátua de Carne e tantos outros.

3.1.17 Reinado e Juizado

Reinado é um ritual conservado de antigos cortejos processionais de festejos, com que os negros escravos do período colonial cultuavam os seus santos padroeiros. O Reinado se limita ao triângulo de rituais, cortejo, missa, distribuição de alimentos e sempre acompanhado pela zabumba e, em alguns casos, pela banda de música.

Atualmente, os Reinados e Juizados são considerados a festa dos pretos, ou outra festa dentro da Festa do Divino. Possivelmente, aconteciam separados dos festejos do Divino, dividindo-se entre uma comemoração a São Benedito, talvez em abril e outra a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, junto com os festejos da Padroeira da cidade, em outubro. Não há diferenças rituais entre o Reinado e o Juizado, a não ser pela mudança e posição dos lugares dos personagens, no cortejo e na missa.

Na segunda-feira é o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e na terça-feira é o Juizado de São Benedito, cujo acontecimento se encontra semi-incorporado ao final da festa do Divino Espírito Santo. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é composto pelos seguintes personagens: Rei, Rainha, Juiz e Juíza da Vara de Prata; Juiz e Juíza do Ramallete; Juiz e Juíza do Manto; Mordomo do Mastro, Mordomo da Bandeira, Mordomo da fogueira; Juizado de São Benedito, Juiz e Juíza do Cordão, Primeiro Juiz e Juíza das Flores, Segundo Juiz e Juíza das Flores, Terceiro Juiz e Juíza das Flores; Mordomo do Mastro, Mordomo da Bandeira, Mordomo da Fogueira e, finalmente, o Andador e o Cargo da Mesa Diretora da Irmandade, o primeiro a iniciar o cortejo e o último a deixá-lo, após entregá-lo ao último juiz do dia.

3.1.18 Mascarados

Usando roupas extravagantes e máscaras com cara de animais, mais comumente boi e onça, montado a cavalo ou mesmo a pé, os mascarados saem fazendo algazarra pelas ruas da cidade. Aparecem, primeiro, no sábado do Divino, ao meio dia, quando a retreta está a tocar na lateral da igreja Nossa Senhora do Rosário.

Predominando as vestimentas de cores berrantes, os participantes têm tendo na cabeça uma máscara, e seu cavalo enfeitado com fita e flores, com um peitoral de guizos e polaque. Nas Cavalhadas, no intervalo, fazem a festa com acrobacia, alegria e cores. Alguns mascarados ficam em pé sobre o cavalo durante a execução do Hino do Divino. Com origem até hoje desconhecida, não se sabe quando eles apareceram por ocasião da Festa do Divino. Os mascarados chamados "Curucucus" são, nos dias de hoje, o símbolo da liberdade e a beleza do folclore Pirenopolino. A máscara de boi é típica de Pirenópolis.

3.1.19 Cavalhadas

A Cavalhada simboliza a luta histórica havida entre Carlos Magno, Imperador do Ocidente, coroado em 800, pelo Papa Leão III e os mouros que invadiram a Península Ibérica.

Carlos Magno foi Imperador em França, cuja coroa herdou de seu pai. Era guerreiro e justiceiro, tinha bom coração e lutou contra os pagãos, juntamente com os Doze Pares de França.

A Cavalhada constitui representação de lutas de Cristãos, chefiados por Carlos Magno e Mouros chefiados pelo Sultão da Mauritânia. A história de Carlos Magno se converteu em verdadeira bíblia dos povos cristãos. Em Portugal, no fim do século XIX, era o livro mais lido pelo povo.

Nas festas dos Açores, encontram-se Cavalhadas e Touradas, especialmente na ilha de São Miguel. Ainda dos Açores há registro de Cavalhadas de São Pedro, na ilha de São Miguel, na Antologia da Terra Portuguesa, seleção de A. Cortes Rodrigues. São Pedro é o Padroeiro de Ribeira Seca, subúrbio da Vila da Ribeira Grande, norte da ilha. Cinco dias antes de 24 de junho, ao amanhecer, um grupo de homens, a pé e tocando instrumentos, percorre as ruas para avisar aqueles que irão constituir a Cavalhadas.

Durante a colonização, as únicas diversões eram as Mouriscas e as Cavalhadas. Também da Ilha de São Jorge (Festas do Divino Espírito Santo) nas folias, compostas de três cantores, uma bandeira e um tambor, os foliões cantavam suas músicas nos intervalos dos pratos e dos brindes. No final da refeição entoavam entre outros, os seguintes versos:

"Deus vô-lo pague senhores
A mercê mai-lo favor
O Senhor Espírito Santo
Há de sê-lo pagador."

No agradecimento da Mesa encontra-se uma variante da estrofe da folia da Ilha de São Jorge. Este canto foi trazido da Folia do Divino para as reuniões dos Cavaleiros. Percebe-se que há ligação com os costumes dos jantares dos Cavaleiros de Pirenópolis, durante os ensaios, especialmente quanto aos versos cantados no final da refeição, conforme citado por Pereira,(1984:154-157:

Lá se vai, oi lá se vai
Esse mastro de alegria

O Divino Espr'ito Santo
Há de sê a nossa guia

Bendito louvado seja
As três palavras de Deus

Ai, Padre, Filho, Espr'ito Santo
Seja pelo amor de Deus
Deus vos pague essa farofa
Que prá nós foi uma defesa

Ai, o Divino Espr'to Santo
Que abençoa vossa mesa.

Deus vos pague eu agradeço
A farofa que nós comeu

Ai, todo mundo agradecesse
Como nós agradeceu.

Deus vos pague essa farofa
Que prá nós foi um alimento

Ai, o Divino Espr'to Santo
Que vos dá o compensamento.

Deus vos pague eu agradeço
Agradeço de coração

Ai, o Divino Espr'to Santo
Que abençoa seu Nenzão.

Ofereço esse bendito
Pro Senhor que está na cruz



Fazenda Babilônia



Serra dos Pireneus



Pedreira



Rio das Almas



Cachoeira do Abade



Cidade de Pedra



A intenção das cinco chagas
Para sempre amém, Jesus.

_ Viva o Divino Espr'to Santo
_ Viva!
_ Viva a boa união!
_ Viva!
_ Viva a farofa!
_ Viva!
_ Viva seu Nenzão!
_ Viva!
_ Viva a patroa dele!
_ Viva!
_ Viva o Possidônio!
_ Viva!
_ O segundo viva!
_ Viva!

Após os vivas, voltam ao começo:
Deus lhe pague a boa janta
Que pra nós foi uma defesa

Ai, o Divino Espr'to Santo
Que abençoa vossa mesa.

Deus vos pague a boa janta
Que prá nós foi um alimento

Ai, o Divino Espr'to Santo
Que vos dá o compensamento.
Entoam ainda o pedido de gole:
A rolinha foi
Mandou dizer
Um golim de pinga
P'ra nós bebê

A rolinha foi
Mandou fala
Um golim de pinga p'ra nós toma.

Pode-se dizer que esta cavalhada é de aculturação Espanhola, nos espetáculos; Portuguesa, principalmente Açoriana, em detalhes dos ensaios. A Cavalhada foi encenada em Pirenópolis pela primeira vez em 1826, por iniciativa do Padre Manuel Amâncio da Luz, quando imperador da Festa do Divino Espírito Santo. É uma representação teatral encenada por Cavaleiros que remontam a batalha entre Mouros (vermelho) e Cristãos (azul) introduzida pela Rainha Santa Isabel, em Portugal. A Cavalhada começa no Domingo de Pentecostes, ao meio dia, quando o caixeiro percorre as ruas em que moram os Cavaleiros fazendo o chamado para o campo, executando o toque: "Vão pro campo Cavaleiro!". Sua encenação dura três dias: Domingo, Segunda e Terça-feira, (Anexo 1 - embaixadas e a confrência dos dois reis).

a) Primeiro dia - Domingo

A Cavalhada começa quando um Sentinela Cristão representa vigiar o seu campo, quando dá de olho com o espião, e montando a galope, enfrenta-o terminando por matá-lo. O Sentinela retorna a seu Castelo e no momento seguinte os Cavaleiros de ambos os lados saem e dão uma volta por seus campos, efetuando a primeira carreira chamada Reconhecimento de Praça. Terminando as embaixadas, inicia-se as carreiras do primeiro dia:

Primeira Carreira Defesa de praça
Segunda Carreira Escaramuça grande
Terceira Carreira Batalhinha
Quarta Carreira União
Quinta Carreira Torno de parelha
Sexta Carreira Torno de quatro
Sétima Carreira Torno de quatro fios fechados
Oitava Carreira Dez de Maio.

Na carreira denominada "10 de Maio", o Rei Mouro manda pedir tréguas ao Castelo Cristão por 24 horas, com a finalidade de recompor suas tropas e ao mesmo tempo estudar as propostas das primeiras embaixadas. Após este diálogo saem do Largo da Cavalhada os Mouros que antes fazem uma pequena evolução em seu campo e em seguida os Cristãos, com idêntica apresentação, terminando o primeiro dia de lutas.

b) Segundo dia - Segunda-Feira

Batismo

No segundo dia entram os cristãos em primeiro lugar e depois os mouros, após uma pequena pausa tem início as seguintes carreiras:

Primeira carreira - Guerrilha
Segunda carreira - Castelinho
Terceira carreira - Napoleão
Quarta carreira - Fogo negado
Quinta carreira - Batalhão
Sexta carreira - Castelinho de quatro fios
Sétima carreira - Novata
Oitava carreira - Arcancilha de fogo
Nonata carreira - Arcancilha de lança
Décima carreira - Prisão

Após a carreira que simboliza a prisão dos mouros pelos os cristãos, começa o diálogo entre os dois reis. Em seguida a este diálogo, os mouros desmontam, já com os cristãos empunhando as espadas que tiraram dos vencidos. Os mouros se ajoelham enfileirados, sem seus capacetes, e recebem as águas do batismo, abençoadas por suas próprias espadas que os cristãos colocam sobre os ombros de cada um. Posteriormente, ao batismo, os mouros recebem suas espadas e, novamente a cavalo, fazem o engrazamento (o cristão e o mouro em fila) para a carreira do ouvidor, que encerra com a saída de todos, na mesma posição pelo lado do castelo cristão, terminando o segundo dia.

b) Terceiro dia - terça-feira

Competições

Cristãos e Mouros no campo das cavalhadas pelo lado do poente (por trás do castelo cristão). Depois de uma volta completa no campo, os grupos se dividem e vão para os seus castelos. Após uma pausa é dado o sinal para a primeira carreira denominada Florão:

Entrada dos cavaleiros - engrazadas
Primeira carreira - Florão
Segunda carreira - Quatro fios de lança
Terceira carreira - Tira cabeça
Quarta carreira - Argolinha
Quinta carreira - Quatro fios de lenço
Sexta carreira - Despedidas



Serra dos Pireneus: os três picos



Morro Cabeludo



Cavalhadas: Rei Mouro Luiz Armando Pompeu de Pina e Embaixador Mouro João Luiz Pompeu de Pina



Batismo dos Mouros à religião cristã



Batismo dos Mouros à religião cristã



Carreira das Cavalhadas



Uma carreira - Despedida

Antes das competições os lutadores fazem mais uma demonstração de arrojado, através da carreira denominada Quatro Fios de Lança, para em seguida dar início aos jogos. Depois da última carreira o campo da cavalhada é preparado para competições entre Mouros e Cristãos, com as seguintes provas: Tira Cabeça e Argolinhas.

Após a apresentação do jogo das Argolinhas, Mouros e Cristãos perfilam em seus castelos. É feita a apresentação da carreira Quatro Fios de Lenço e em seguida fazem a despedida, com voltas no campo em sistema de engrazamento.

Os cavalheiros após a demonstração e liberação para a saída do campo, desfilam pelas ruas da cidade rumo a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, onde fazem uma salva de tiros, após as orações de agradecimento pelo o bom êxito das cavalhadas.

A Música

A cavalhada é realizada ao som de quadrilha de compositores antigos de Pirenópolis, destacando-se Antônio da Costa Nascimento (Tonico do Padre) e Vasco da Gama Siqueira. Cada carreira tem sua música própria e a Banda de Música Phoenix é fator de grande importância, pois marca as evoluções.

Peças executadas:

Galope - dos Mouros e Cristãos

Quadrilhas - Violeta, Flor da Noite, e Três Sossegados, Noiva Encantada.

Valsa - do batismo

Galope final - Cavalhada acabou

Grande importância na apresentação da cavalhada tem o Hino do Divino executado pela Banda de Música durante os três dias de espetáculo. É cantado por todo o público onde muitos choram, comovidos, ao ouvi-lo:

Vinde, oh! Espírito Divino

Consolador, descei lá do céu

A dar-nos riquezas do Vosso amor

Descei lá dos céus

A dar-nos riquezas do Vosso amor (Bis)

3.1.20 Cavalhadinha

A Cavalhadinha surgiu desde de tempos remotos em Pirenópolis, pois era costume dos meninos brincar de cavalhada nos quintais de suas casas. Esse hábito antigo deu origem à cavalhadinha na Vila Matutina, que surgiu em 1989 durante o feriado de Corpus Christi por iniciativa de João Luiz Pompeu de Pina, ex-cavaleiro das Cavalhadas, que começou a ensaiar as crianças de 7 a 12 anos com cavalinhos de pau. A partir daí virou tradição ensaiar a Festa Mirim da Cavalhadinha, que também deu origem a Festa do Divino Espírito Santo infantil bem semelhante a oficial, com Imperador do Divino, Reinados, procissões, fogueira, fogos, banda de música, Pastorinhas, Congos, Contradanças, Cavalhadas, mascarados etc, ocorrendo depois da cavalhada oficial. A Diretora do Museu das Cavalhadas Célia Fátima de Pina participa da entrega de buquês aos cavaleirinhos da Cavalhadinha desde de 2006. Sua mãe, Maria Eunice, começou a fabricar e entregar buquês da década 60 a 80 das Cavalhadas de adulto e de 1989 a 2004 da Cavalhadinha infantil.

Os buquês são flores fabricadas em papel crepom na cor vermelha que simbolizam os Mouros e na cor azul que simbolizam os Cristãos. Este episódio representa uma das brincadeiras que ocorre no terceiro dia da Cavalhadinha denominado "troca de buquês". As brincadeiras são: a retirada das agorlinhas, a retirada das máscaras e a troca de buquês, que representam a confraternização em os cavaleirinhos mouros e cristãos.

As Cavalhadinhas de Pirenópolis tornaram-se uma festa folclórica tão importante para a cultura brasileira que já foi objeto de pesquisa em trabalhos acadêmicos de pós-graduação stricto sensu, conforme resumo abaixo:
Defesas realizadas no Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural - Turma 2003

"Já faz parte da alma das crianças" - As Cavalhadinhas de Pirenópolis: Inventando uma Tradição

Autora: Fernanda Adamski da Silva

Orientador: Dr. Benedito Rodrigues dos Santos

Defesa: 28/06/04

Banca Examinadora: Dr. Benedito Rodrigues dos Santos (pres./UCG), Dr. Manuel Ferreira Lima Filho (membro/UCG) e Drª. Albertina Vicentini (membro/UCG)

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo estudar as Cavalhadinhas das crianças de Pirenópolis. A sociabilidade durante as festas religiosas é um meio de manter viva as relações sociais e ainda um mecanismo de aprendizado para as crianças. No caso aqui estudado, contribui para ensinar e educar sobre a importância de preservar a tradição tão rica desta cidade, que são as cavalhadas, mantendo forte os valores da identidade e da memória, no qual faz parte do patrimônio cultural brasileiro. Observam-se três categorias da história das Cavalhadinhas, em que desde os tempos mais antigos fazia parte da vida cotidiana das crianças, de uma maneira informal; a segunda de uma forma mais estruturada, sendo organizada por João Luiz Pompeu de Pina e a terceira, quando se transforma em um evento oficial para o turismo. As Cavalhadinhas se particularizam por terem as próprias crianças a iniciativa da festa acontecer, valorizando-as e dando credibilidade por esta "tradição inventada", que mantém vivo o folclore brasileiro.

5. A PIRENÓPOLIS DE HOJE

Em Pirenópolis, a natureza e a cultura fizeram parceria com riqueza do Patrimônio Histórico, com seus monumentos e casarões seculares, o folclore, as tradições, o artesanato, a culinária, junto as cachoeiras, rios, serras e toda a riqueza da fauna e da flora faz a cidade e a região se destacarem no cenário turístico de Goiás. Pirenópolis é considerado o "Berço da Cultura Goiana".

Localizada ao pé da Serra dos Pireneus, com belos mirantes e de onde nascem inúmeros córregos que formam dezenas de belíssimas cachoeiras. Cercada de morros e cachoeiras que ainda mantêm seu aspecto antigo e rústico, Pirenópolis é uma obra prima da natureza.

A pequena cidade do interior de Goiás, tombada como Patrimônio Histórico e Artístico, é um retrato vivo da história goiana, onde um povo hospitaleiro, alegre e festivo convive com um ambiente de extrema beleza natural.

"O Paraíso fica logo aqui ao lado".

Pop. 20.465

Tabela 1

População

21.220 habitantes.

População Urbana

12.458 habitantes.

População Rural

8.762 habitantes.

Área

2.181,8 km²

Altitude

780m



Galope



Revista As Pastorinhas



Contra-dança



Congo



Congo



Congada



Tabela 2
 Município Pirenópolis.
 Estado Goiás
 Latitude 15.8585
 Longitude - 48.95917
 CEP 72.980-000
 DDI 55
 DDD 62
 Localização Pirenópolis está situada na região do Planalto Central.
 150 Km de Brasília.
 120 Km de Goiânia
 60 Km de Anápolis.

Tabela 3

Povoados Lagolândia, Caxambu, Capela, Santo Antônio, Radiolândia, Jaranópolis, Bom Jesus, Índio, Placa, Maiadô.
 Clima Tropical e sub-úmido. Dois períodos distintos um chuvoso e quente (outubro a março) e outro frio e seco (abril a setembro).
 Infra-estrutura turística Hotéis e Pousadas: 106 com 2.100 leitos.
 Restaurantes 64 restaurantes, da comida típica de Goiás, ao paladar internacional.
 Atrativos Naturais 22 atrativos aberto ao público oferecendo mais de 45 cachoeiras, rios e lagoas. Ao todo no município existem mais de 100 cachoeiras entre as com estruturas e as selvagens.
 Esportes aventuras Arvorismo, Rappel, Baia-cross e Tirolesa.

6. MUSEU DAS CAVALHADAS

O Museu das Cavalhadas foi criado a partir da iniciativa particular da poetisa Maria Eunice Pereira e Pina (*16/06/1930 - + 24/11/2005 - in memoriam). Que começou sua coleção de: fotos, livros, cartazes, folders, documentos, jornais, revistas, indumentárias, acessórios etc., a partir de doações de amigos e filhos (Luiz Armando Pompeu de Pina e João Luiz Pompeu de Pina) que participaram das Cavalhadas.

Aberto ao público, desde 1976, recebe visitantes e pesquisadores de toda parte do Brasil e do mundo, uma média de 4.000 (quatro mil) pessoas por anos, que tem gerado pesquisas e produções culturais, tais como: documentário Divinas Marias - UnB 1993, Direção: Tânia Montoro e Armando Bulcão; monografias, dissertações e teses de doutorado tais como:

- A Estrutura Fundiária No Planalto Central - Introdução ao Estudo de uma Política Agrária em Goiás, de José Luiz de Campos Curado - Goiânia-GO, dezembro de 1989 Faculdade de Direito - Universidade Federal de Goiás (UFG);
- As Estratégias de Preservação do Núcleo Histórico Urbano de Pirenópolis, de Maria Alice Cunha Barbosa - Brasília-DF, 1992 - Universidade de Brasília (UnB);
- Frater-Unidade - Estudo de uma Experiência de "Comunidade Alternativa" no Planalto Central do Brasil, de Aico Sipriano Nogueira - São Paulo-SP, abril 1996 - Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP);
- No Império do Divino, seus Devotos o Saúdam: _Viva o Espírito Santo!, de Euda da Silva Raposo, Brasília-DF, outubro de 1997 - Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Departamento de História - Universidade de Brasília (UnB);
- Comunidade Alternativa, de Eneer Aparecida de Pina Lopes, Anápolis-GO, 1998 - Pesquisa de campo apresentada à disciplina Psicologia Geral - Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão;
- A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890-1988), de Mônica Martins da Silva - Goiânia-GO, 2000, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia - Universidade Federal de Goiás (UFG);
- Valoração Econômica do Ecoturismo - Estudo de Caso: A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis-Goiás, de Márlon José Cerqueira; Humberto Ângelo - Brasília-DF, maio de 2003 - Centro de Excelência em Turismo - Universidade de Brasília (UnB);
- O Impacto do Turismo na Identidade Local - Um Estudo de Caso: Pirenópolis -GO., de Rubia Cynara de Magalhães Pereira; Suzana M. Pádua - Brasília-DF, maio de 2003. Centro de Excelência em Turismo - Universidade de Brasília (UnB).
- Festa do Divino em Pirenópolis: A Indústria Cultural, O Poder Político e os Meios de Comunicação no Universo das Culturas Populares, de Cristiane Passos Melo e Silva - Goiânia-GO, 2006 - Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia - Universidade Federal de Goiás (UFG);
- Turismo e Patrimônio Cultural em Pirenópolis: Uma Análise dos Efeitos Sobre a Vida Social, de Juliana de Pina Mendonça - Goiânia-GO, 2007 - Trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais apresentado ao Departamento de Ciências Sociais - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia - Universidade Federal de Goiás (UFG).

Localizado a casa de Maria Eunice situado à Rua Direita nº 39 - Centro, rua tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico, o Museu das Cavalhadas surgiu a partir da necessidade de apresentar ao turista, que vinha à Festa do Divino em busca da religiosidade, informações sobre a expressividade e conhecimento da tradição folclórica das Cavalhadas.

Em vida, Maria Eunice passava aos visitantes as seguintes informações:

As Cavalhadas representam as lutas entre Mouros e Cristãos na Península Ibérica e são memoradas por ocasião da Festa do Divino Espírito Santo, no dia de Pentecostes, com grande galhardia. Os cavaleiros são ricamente trajados com vestes de veludo e brocados, capas bordadas com miçangas, lantejoulas e pedrarias, confeccionadas por hábeis mãos de costureiras e bordadeiras, que se esmeram para obtenção de resultados cada vez mais deslumbrantes. Os adornos dos cavalos são verdadeiras obras de arte! E o meu empenho é preservar toda essa riqueza cultural e artística.

Em alguns de seus escritos encontramos (Pina, 04/05/2002):

Sempre sonhei em obter mais algumas peças pra completar o acervo do Museu das Cavalhadas. Foi difícil, comecei com as vestimentas e acessórios que pertenciam aos meus filhos, o rei Luiz Armando e o embaixador João Luiz. Todos os anos na época das festas nossa casa tornava-se um ponto de referência para historiadores, estudantes e a imprensa. Hoje sinto-me realizada e agradecida aos que têm colaborado com o museu, doando suas vestimentas e adereços usados. O museu tem um rico acervo em documentos, vestes e fotografias, que comecei a juntar no ano de 1976. O museu é visitado por escolas, excursões, gente do Brasil todo e do exterior.

Desde 2006 o Museu das Cavalhadas faz parte do Cadastro Nacional de Museus, que foi promovido pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico, em parceria com o Ministério da Cultura da Espanha, por intermédio da Organização dos Estados Ibero-Americanos.

6.1 Breve Histórico da primeira curadora do Museu

Nascida em 16 de junho de 1930 em Pirenópolis, Goiás, Maria Eunice Pereira e Pina foi gestora histórica, escritora, poetisa, jornalista e incentivadora cultural. Plantou o primeiro pé de pequi no quintal da sua casa (fruto do cerrado da culinária típica goiana) na década de 70, época essa que não havia pesquisas para o plantio desse fruto, só para mostrar ao turista como era a árvore do pequi. Casou-se aos dezesseis anos com Sebastião Pompeu de Pina Sobrinho, dessa união nasceram seis filhos: Eduardo Pompeu de Pina, João Luiz Pompeu de Pina, Maria do Carmo de Pina Mendonça, Luiz Armando Pompeu de Pina, Sílvia Conceição de Pina e Célia Fátima de Pina. Na década de 60 até o ano de 2004, participou ativamente da fabricação e entrega de buquês aos cavaleiros das



Cartaz da Festa do Divino Espírito Santo: coroa e cetro



Quadro com o Imperador do Divino



Reinado de Nossa Senhora do Rosário



Procissão das virgens



Mascarado



na década de 60 até o ano de 2004, participo ativamente da fabricação e entrega de buques aos Cavaleiros das Cavalhadas e cavaleirinhos da Cavalhadinha.

Em 1993 participou do documentário "Divinas Marias", editado pela Universidade Federal de Brasília UnB, no qual retrata as "Marias" (mulheres) que contribuem com a participação de todas as manifestações folclóricas que ocorrem na Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis.

Nos anos 70, com a morte do marido, e para criar seus filhos ainda pequenos, iniciou sua primeira atividade profissional, abriu uma loja de roupas femininas com a uma amiga. Logo adiante montou a primeira loja de artesanato da cidade, que ficava em frente a Igreja Matriz, com isso participou de várias exposições levando o artesanato goiano principalmente para o sudeste brasileiro, nesta época começou a colecionar o acervo do Museu das Cavalhadas em sua casa.

Foi fundadora da primeira escola maternal da cidade denominada: Escola Maternal Pequeno Príncipe. Lançou o jornal cultural "Nova Era" que circulou durante nove anos na cidade, cuja equipe era formada pelo jornalista José Reis, Valdo Lúcio no social e Maria Eunice como diretora. Foi a primeira presidenta e fundadora da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música. Editou em 1993 seu primeiro livro de poemas chamado "Desvanios de uma Pirenopolina", onde descreve sua paixão por Pirenópolis.

Antes de sua morte despertou interesse em ampliar o Museu das Cavalhadas em uma entrevista filmada pela Gestora Cultural Ms. Flaviana Paula de Melo e Gestora Pedagógica Ms. Viviane Teles Ribeiro Pina, assim deu-se o início ao Programa Circuito Cavalhadas, com o Projeto Memorial Cavalhadas aprovado em seleção pública pela Petrobras Cultural em 2006/2007 e Ministério da Cultura em 2007 (PRONAC 069688), iniciado em janeiro de 2008. Este projeto trata-se da recuperação do acervo documental do Museu das Cavalhadas.

6.1.1 Projeto Memorial das Cavalhadas

Apresentação

O Programa Circuito Cavalhadas, visa promover ações como: contextualizar historicamente as Cavalhadas, disseminar o conhecimento histórico/ cultural a sociedade pirenopolina, promover a inclusão social e preservar a memória, apresenta o projeto "Memorial das Cavalhadas", com o propósito de organizar, higienizar e disponibilizar todo acervo documental e bibliográfico do Museu das Cavalhadas.

Este acervo inclui: fotos, documentos, livros, jornais, revistas, cartazes e folders que serão ordenados e disponibilizados para pesquisa.

Fundado em 1976, por Maria Eunice Pereira e Pina (in memoriam), localizado à Rua Direita nº 39 - Centro - Pirenópolis/ GO, telefone: OXX (62) 3331-1166, o Museu das Cavalhadas surgiu a partir da necessidade de apresentar ao turista, que vinha à Festa do Divino em busca da religiosidade, informações sobre a expressividade e conhecimento da tradição folclórica das Cavalhadas. Atualmente o museu é aberto ao público sendo cobrada uma taxa simbólica de R\$ 1,00 (um real), para manutenção do mesmo e tem como guia, hoje responsável pelo museu, Célia Fátima de Pina. Recebe visitas de turistas nacionais, estrangeiros, escolas e universidades, que movimentam o museu durante o ano todo, porém não se consegue atender a demanda de maneira eficiente e satisfatória em função do atual estado de apresentação em que os objetos, roupas, acessórios, fotografias, livros, revistas, jornais e documentos se encontram.

Acredita-se que somente com a disseminação do conhecimento e disponibilização do material que se encontra no acervo para pesquisa e que se poderá contextualizar a tradição histórica na sociedade para incorporar, divulgar e preservar como patrimônio cultural, contribuindo assim com a conservação e manutenção da memória e identidade.

Pretende-se diagnosticar todo material, destinado a pesquisa, que compõe o Museu das Cavalhadas para disponibilizá-lo ao público de maneira satisfatória.

De forma emergente, o projeto abarca: diagnóstico, higienização, organização, contextualização, recuperação, classificação, arranjo e publicação em catálogo dos acervos documentais e bibliográficos para salvaguarda da história e, em um segundo momento, apresentaremos outro projeto que melhore a infra-estrutura do local. Desta forma salvaremos o conteúdo para depois analisarmos a melhor forma de apresentação do mesmo. É com este objetivo que apresentamos este projeto Memorial das Cavalhadas, que além da organização do acervo documental e bibliográfico terá como produto a publicação de 5.000 (cinco mil) catálogos informativos sobre o conteúdo documental e bibliográfico do acervo, sendo que 10% (dez por cento) serão distribuído gratuitamente em universidades e centros documentais destinados a pesquisa. no Estado de Goiás, e o restante ficará, na cidade de Pirenópolis/GO, no Museu das Cavalhadas.

Objetivo Geral:

O projeto "Memorial das Cavalhadas" objetiva além de recuperação do acervo documental e bibliográfico do Museu das Cavalhadas, a publicação de catálogos como forma de atender os pesquisadores.

Objetivos Específicos:

Fazer o levantamento das coleções bibliográficas existentes que falam sobre as cavalhadas e história de Pirenópolis/GO, de maneira técnica e metodológica/biblioteconômica, que serão realizadas por profissionais com formação na área. Realizar o diagnóstico de toda a documentação que se encontra no museu, para ser classificada por profissionais que atuam na área de arquivos históricos. Higienizar e recuperar os papéis, livros e fotos que estiverem em precárias condições de manuseio de forma a acondicioná-los em suportes apropriados para melhor conservação. Digitalizar fotos e documentos para facilitar a pesquisa e manter conservação dos originais.

Justificativa

A festa do Divino Espírito Santo é uma festa cristã, móvel e que acontece 50 (cinquenta) dias após a Páscoa, durante as comemorações de Pentecostes, sendo festa móvel, acontece, geralmente, nos meses de maio ou junho.

Em Pirenópolis - GO, a festa do Divino Espírito Santo, teve início em 1819, e anos depois foram acrescentadas, como seqüência da festa, outras manifestações que se tornaram tradicionais, como as Cavalhadas, que ocorreram a primeira vez em Pirenópolis em 1826, onde ocorre a batalha dos doze pares de França, doze cavaleiros que representam os Mouros (hoje nas cores vermelho e dourado) e doze cavalheiros que representam os Cristãos (hoje nas cores azul, branco e prata). Esta tradição perdura até hoje e é uma das manifestações folclóricas mais procuradas pelos turistas que vem de toda parte do mundo para conhecer a tradição da batalha inventada por Carlos Magno.

Esta manifestação, que ocorre em Pirenópolis-GO, foi apresentada no Castelo de Chantilly em França, início de 2005, e hoje o Museu das Cavalhadas é o lugar que conseguiu reunir, desde 1976, a maior parte da história das Cavalhadas, tendo este museu o reconhecimento da Câmara Municipal de Açores, Portugal. Para Goiás será o museu particular mais equipado e único da memória daqueles que fizeram e fazem parte deste espetáculo.

Com isso, manifestamos nossa preocupação de manter viva essa memória, principalmente pela quantidade de livros (aproximadamente 900), documentos (entre cartas e outros - estimativa não realizada), fotos (aproximadamente 500), revistas (aproximadamente 250), cartazes (aproximadamente 650), folders (aproximadamente 160), jornais (principalmente o jornal "Nova Era" editado pela fundadora do museu e distribuído por 10 anos - estimativa não realizada) que serão disponibilizados para pesquisa.

Estratégia de Ação

1. Fazer o diagnóstico de todo o material que será organizado;
2. Higienizar todo material que compõe o acervo documental e bibliográfico;
3. Separar o material de acordo com os fundos de pesquisa;
4. Utilização de mão-de-obra especializada para classificação do acervo bibliográfico;
5. Utilização de mão-de-obra especializada para organização do acervo documental;
6. Conservação preventiva dos documentos, livros, fotos e revistas danificadas;
7. Acondicionamento do material em suportes apropriados;



Mascarado



João Luiz Pompeu de Pina dirigindo a Cavalhadinha



Mascaradinho



Cavalhadinha



Maria Eunice Pereira e Pina: fundadora do Museu das Cavalhadas